

**FACULDADES INTEGRADAS SANTA CRUZ DE CURITIBA – FARESC
IN LITTERAS – REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS E PEDAGOGIA**

A IDENTIDADE DO PROFESSOR NA PÓS-MODERNIDADE

GOIS, Erica da Silva¹

Orientadora: PINTO, Heloisa Peireira²

RESUMO

Este artigo apresenta algumas considerações sobre a formação da identidade docente em uma sociedade pós-moderna, construída a partir de consecutivas mudanças e discontinuidades históricas e, portanto, contingente ao tempo. Esse estudo constitui-se de uma revisão bibliográfica que apresenta primeiramente o conceito clássico de modernidade e pós-modernidade contextualizando seus acontecimentos e destacando as contribuições de alguns autores e suas críticas, em diferentes conceitos substitutos aos conceitos da modernidade, em vista das recentes mudanças sociológicas, cognitivas e tecnológicas da denominada ciência moderna. Segue o mesmo procedimento quanto às considerações sobre a pós-modernidade, suas mudanças e contradições, como cenário da formação dos profissionais da educação no deslocamento de seus espaços sociais alternando inevitavelmente a construção das suas identidades tanto a nível pessoal como profissional. Esse processo interativo de (re)construção identitária a partir da globalização requer um pensamento reflexivo, aqui fundamentadas nas teorias de Jürgen Habermas, Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, Claude Dubar, Stuart Hall e Antonio Nóvoa, entre outros, sobre a socialização e a identidade na formação do saber e as críticas voltadas a tal pensamento no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Formação docente. Identidade. Modernidade. Pós-modernidade.

1 INTRODUÇÃO

A formação docente vem ocupando uma considerável parte das discussões sobre o processo educacional na busca de uma melhor compreensão do papel das instituições de formação e seus formadores, na produção de mudanças mais positivas e significativas da sua atuação na sociedade atual. Entretanto, não é possível pensar e enxergar esse cenário com precisão, descontextualizado do lugar e do momento em que foram sendo criados.

Nesse sentido, o estudo constitui-se de uma revisão bibliográfica sobre alguns aspectos relevantes, em relação às mudanças que fizeram parte de tal processo, tendo como objetivo

¹ Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

² Mestre em Ciências Humanas – Cultura e Sociedade na Universidade Tuiuti do Paraná – UTP. Professora do Curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

principal, analisar a construção da identidade docente e a sua atuação no contexto da sociedade atual – suas mudanças e descontinuidades – concebida como pós-moderna, a partir da conjuntura social, histórica, cultural e estética predominante no século XXI.

Dessa forma, o texto foi estruturado em dois subtítulos, o primeiro descreve o período histórico tendo como foco a modernidade e pós-modernidade e como esta ideia foi se delineando e sendo discutida ao longo dos anos. Quais significações pós-modernas se contrapõem às características da representação moderna da sociedade e da ciência segundo os sociólogos e historiadores da atualidade, como Habermas (1990), Lyotard (2002), Giddens (1991) e Bauman (2001), entre outros.

A partir de metáforas e visões de adulteração social que fundamentam boa parte das narrativas sobre a vida social contemporânea, essas mudanças marcaram a história ocidental a partir da segunda metade do século XX, ou seja, a mudança da modernidade – sociedade de produção e do trabalho com padrões culturais claros e definidos a longo prazo; para a pós-modernidade – ou sociedade do consumo, do mundo das “identidades plurais” e assim por diante.

Por isso, entende-se como fundamental fazer uma divisão inicial entre ambas as questões: a da existência de um momento histórico que pode ser denominado como “pós-modernidade” com suas características culturais que estruturam a discussão de possíveis continuidades ou rupturas no tempo e no espaço; e a segunda, de tentar explicar como esse fenômeno pode influenciar as práticas de constituição do sujeito, aqui delineado como profissional da educação e, por consequência, da sua práxis no ato de educar modificando a posição social dos professores e alunos no que diz respeito aos processos entrelaçados na sua formação identitária, inseridos na realidade atual nomeada por Bauman como “modernidade líquida”.

Nesse processo, buscar-se-á entender como essa “liquidez” elabora novos conceitos rejeitando as verdades absolutas e as tradições estabelecidas pela “modernidade sólida” e de que maneira foram reconstruídas em virtude das recentes e aceleradas mudanças cognitivas, tecnológicas e sociais que se desenrolaram no quadro referencial da modernidade, visto que esse tempo passou por deslocamentos em seus significados e reestruturaram as normas educacionais, que se configura aqui, como espaço privilegiado para a constituição e formação da identidade do profissional da educação, na referência das suas experiências espaciais e temporais.

Na sequência, pretende-se discutir a problemática da identidade a partir dos conceitos e dos estudos de Hall (2005), Dubar (2005) e Nóvoa (1995) entre outros, para esclarecer como

a pós-modernidade pode influenciar as práticas educacionais na constituição da identidade docente nas condições desse tempo histórico linear. Para tal, Hall descreve três conceitos de identidade: Sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno que certamente contribuíram para a configuração do homem contemporâneo, que serão explicitados na sequência do texto.

Dadas às considerações, os sociólogos e estudiosos podem se posicionar contrários ou favoráveis aos discursos que enfatizam a formação identitária pós-moderna, entretanto, acreditam que não há lógica em querer diminuir o impacto desses fenômenos temporais no qual, tais discursos e identidades se veem envolvidos – referenciais teóricos, epistemológicos, pedagógicos, metodológicos – da educação brasileira, que se apoiam no discurso vazio da formação do sujeito emancipado e passam a entrar em desacordo com a realidade empírica dos professores e estudantes propiciando uma grande crise entre o que se faz, o que se pensa e do que se necessita.

A relevância desse tema encontra-se justamente no princípio de que todo saber produzido até agora pode tornar-se o caminho para a realização de uma educação mais humana, que tenha a figura do professor como idealizador desse projeto, que defina os seus ensinamentos pelos princípios universais de moral, de justiça, de verdade e de atualização constante, para que se integre à máquina social, a partir de um aprendizado que o capacite a manejá-la, já que hoje, esses valores já não estão claros e os conhecimentos estão intrínsecos ao “para que serve”. Nesse caso, a finalidade da educação moderna, o que regulamenta a produção do conhecimento nas instituições de formação educacional, não são mais as qualidades humanas e sim as capacidades humanas, no interminável jogo do desempenho, onde é mais importante ter do que ser.

Cabe aqui procurar respostas, a partir dos teóricos que darão embasamento ao desenvolvimento dessa análise, como o professor poderá procurar maneiras de mudar algumas atitudes no enfrentamento desses novos desafios e estar disposto a mudar para que reconstrua a sua identidade e dessa forma descubra-se como educador consciente de suas responsabilidades e em aperfeiçoamento contínuo, fator indispensável para todo profissional formado ou em formação nesse sistema globalizado.

2 MODERNIDADE OU PÓS-MODERNIDADE: CARACTERIZAÇÃO NECESSÁRIA

A sociedade humana encontra-se em um momento da sua história caracterizado por muitas transformações que decorrem principalmente do avanço tecnológico, da produção econômica, das relações políticas da vida social e cultural, exigindo de todos os envolvidos

uma grande mudança em todas as práticas da sua realidade histórica. Esta nova situação requer um redimensionamento das práticas da vida cotidiana, no trabalho, nas relações sociais e principalmente na educação, buscando assim, uma maior contribuição na construção da identidade e da cidadania, fundamentando a eficiência do processo educacional do homem social.

Como já mencionado, todas essas mudanças estão associadas a um determinado período histórico e por isso difícil de ser analisado, já que se trata ao mesmo tempo do passado e do presente. Entretanto, é indiscutível que fazem parte da construção do pensamento do homem em relação aos acontecimentos que se desenrolaram no decorrer do tempo até os dias de hoje.

Nesse aspecto, muitos estudiosos, como Japiassu e Marcondes (1999) se referem a essa realidade como “moderna”³ por se tratar de um novo tempo, de valorização do homem individual e da ideia de progresso e de ruptura com o passado de predomínio da Igreja e do feudalismo como organizadores da sociedade. Neste cenário, o moderno se contrapõe ao arcaico e ao tradicional. Teve início no Iluminismo e segundo os autores “teve sua ênfase na subjetividade, na experiência e na crítica”, Japiassu & Marcondes (1999, p. 170-171). Contudo, a idade Moderna se consolidou com a Revolução Industrial e com o desenvolvimento do Capitalismo.

Habermas (1990) esclarece ainda que mais tarde, esse termo caracterizou-se como modernidade – um estilo de vida ou organização social que começou na Europa a partir do século XVII e que devido a sua grande influência tornou-se mundial. Enquanto momento histórico, a Modernidade identificou-se pela derrubada das convenções, das crenças e costumes, ou seja, pela antitradição. Entretanto, o autor pondera que muitas combinações do moderno e do tradicional podem ainda ser encontradas e mantidas nos cenários sociais concretos.

Na ênfase desse assunto, para explicar melhor esse percurso, outras denominações como “modernização” e “modernismo” também foram adotadas sem, contudo possuírem o mesmo significado, confundindo seus conceitos conforme o emprego e interpretação de cada autor ou estudioso. Sendo assim, torna-se conveniente distinguir suas relações conceituais, buscando meramente delimitá-los sem a perspectiva de aprofundá-los.

³ Para melhor entendimento, a época moderna surge com a descoberta do Novo Mundo, o Renascimento e a Reforma (século XV e XVI); desenvolve-se com as Ciências Naturais no século XVII, atinge seu clímax político nas revoluções do século XVIII, desenrola suas implicações gerais após a Revolução Industrial do século XIX e termina no limiar do século XX. Habermas, J. O Discurso Filosófico da Modernidade. Lisboa, Publicações. Dom Quixote, 1990, p. 9.

Dentro de uma visão mais simplificada, a modernização seria o processo no qual um país melhora a produtividade econômica e o nível de vida dos habitantes e caminha frequentemente junto da industrialização. Para Giddens (1984, p. 111), “a modernização está associada diretamente à teoria da sociedade industrial”. Dessa maneira interliga as transformações que acontecem nos meios de produção e na estrutura econômica, política e cultural de um território, estabelecendo-se como referência para qualquer política. Assim, ao se tratar da distinção entre modernização e modernidade, no sentido da modernização, pode ser entendida como o desenvolvimento da racionalidade instrumental – as expectativas sobre o comportamento de outros seres humanos – contrária à modernidade, concebida como racionalidade normativa – trata de sujeitos inteligíveis, cujas ações podem ser compreendidas ou mesmo alteradas por mudanças no contexto institucional. Em concordância com essa visão, Sunkel (1972, p. 108) diz que a “relação entre ambas contém uma tensão inexorável que caracteriza a época moderna, incluindo o debate sobre a pós-modernidade”. Essa tensão está relacionada ao fato do homem moderno ter de conviver com ambos os momentos.

Na sequência, a última década do século XIX e início do século XX, trouxeram uma corrente de novos conteúdos poéticos que não concordavam com as mudanças trazidas pela industrialização, denominados de modernismo. O historiador Raymond Williams (2011) recua o período para meados do século XIX, quando vanguardas da arte e da literatura questionaram radicalmente os processos de representação. De acordo com seus estudos, o modernismo ocasionou o surgimento das vanguardas artísticas, e também, às novas descobertas científicas, que vieram seguidas das modificações políticas, antropológicas e sociológicas na Europa, juntamente com os novos modos de produção industrial e consequentemente sociais e culturais.

Habermas esclarece que na diferenciação entre os termos, a modernidade pode ser a época de tecnologia, onde o raciocínio científico predominava e isso o diferenciava dos antigos. Ou seja, ela pode ser entendida como a “era da racionalidade, a qual fundamenta não só o conhecimento científico, como as relações de trabalho, a vida social a própria arte, a ética” (HABERMAS, 1990, p. 287). Nessa perspectiva, a modernidade seria o período em que as pessoas começaram a desconsiderar as tradições e ver o homem como o centro da sociedade.

Consequentemente, também envolve vários aspectos como o tecnológico, cultural, social e político que iniciaram uma grande transformação de mentalidade e de comportamento da sociedade. Com a educação não foi diferente, juntamente com todos os outros segmentos, buscou a definição de outros valores, padrões ou modelos didáticos em suas propostas, mas

manteve a necessidade da escola pública, leiga, gratuita e obrigatória, reforçada com a implantação e expansão da indústria e do comércio que exigiam cada vez mais profissionais diversificados e capacitados. Assim, Jürgen Habermas, em Jappiassu e Marcondes (1999) introduziu o conceito de “Projeto da modernidade” no qual considera que essa época não acabou e pode ser dada como uma continuidade, porque ela liberta o homem da economia, das ideologias e da denominação política.

Anthony Giddens (1991) reforça esse pensamento quando relata que ainda se vive nesse período, que ele denominou de “modernidade tardia”. Para ele trata-se de uma etapa radicalizada, ou seja, as tradições e costumes não têm tanta importância, dessa forma, o sujeito tem mais liberdade de fazer suas escolhas tendo como base suas vivências do passado e do futuro, o que acarretou inúmeras mudanças nos costumes de vida e nas organizações sociais. Nessa liberdade de escolha o indivíduo teria a sua liberdade, mas sofreria a influência da globalização (GIDDENS, 1991, p. 17). Em consequência do desenvolvimento dessa sociedade, muitos teóricos tiveram o cuidado e a preocupação com o enorme “perigo” que o avanço acelerado das transformações tecnológicas, econômicas e políticas poderiam exercer a determinados grupos sociais e sua identidade cultural. Por outro lado, algumas recentes teorias culturais, como do antropólogo contemporâneo Nestor Garcia Canclini⁴, defendem que a identidade cultural vai muito além de um conjunto de valores fixos e imutáveis que definem o indivíduo e a coletividade da qual ele faz parte.

Em função dessas modificações, posteriormente foram apresentados novos aspectos e o uso da terminologia “pós-modernidade” nos estudos organizacionais. Nesse aspecto, para os propósitos da presente discussão a denominação de pós-modernidade e sua conceitualização devem ser esclarecidas, pois para Lyotard (2002) a Pós-modernidade, pode ser descrita como o momento em que todas as grandes narrativas⁵ entram em crise. “Seria o desencantamento em relação à ideia de um futuro garantido, certo, promovido pelas leis da história, necessariamente melhor, redentor, a construção de um presente possível”

⁴ CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade . Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

⁵ Situando melhor o leitor, as grandes narrativas seriam as grandes explicações sobre o mundo, sobre a história, sobre a vida e sobre o futuro, entre as mais influentes: o marxismo, o cristianismo (e as religiões em geral), o iluminismo com o sonho da sociedade racional e etc. Essas narrativas só podem ser chamadas de narrativas na percepção da pós-modernidade, pois para si, elas são o fundamento do mundo, a estrutura última da realidade – a teoria da história marxista não é somente uma narrativa, mas uma tentativa de explicação universal da história, da mesma forma, o projeto iluminista visava à universalização da razão e o cristianismo a universalização de seu próprio Deus. NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. A Passagem da modernidade para a pós-modernidade - Psicologia Ciência E Profissão, 2004, 24 (1), p. 82-93.

(LYOTARD, 2002, p. 42). Pontua ainda, que a diferença entre a modernidade e a pós-modernidade estaria na percepção de que:

[...] na primeira eram as ciências que ditavam as verdades e as leis, assim como a idealização de um bem-comum geral. [...] Já na segunda, o saber está marcado pela dúvida, desconstrução, perspectiva, desconfiança, interpretação, não existência de verdades, suspeitas, construção do conhecimento a partir da problemática (LYOTARD, 2002, p. 4).

Neste caso, estas facetas tornam-se tão evidentes a ponto de não causarem discordâncias, mesmo vistas a partir de diferentes posições políticas e teóricas, e é esse contraponto entre ambas as realidades que as torna tão evidentes e consensuais. Entre elas, destacam-se as seguintes:

[...] a globalização, as comunicações eletrônicas, a mobilidade, a flexibilidade, a fluidez, a relativização, os pequenos relatos, a fragmentação, as rupturas de fronteiras e barreiras, as fusões, o curto prazo, o imediatismo, a descentralização e extraterritorialidade do poder, a imprevisibilidade e o consumo (LYOTARD, 2002, p. 5).

O autor se apropriou do conhecimento dessas características e se propôs também a identificar e trazer à discussão as transformações psicológicas que estavam ocorrendo como consequência das grandes mudanças ora em curso. Deduz-se assim que a Pós-modernidade é uma linha de pensamento que questiona as noções clássicas de verdade, razão e identidade dentro de “um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas gerando certo grau de ceticismo em relação à verdade da história e das normas, em relação às peculiaridades e à coerência das identidades” (LYOTARD, 2002, p. 7). Em consequência disso, essa fase passou a ser bastante discutida por diversos autores, já que foi considerado um tema amplo, complexo e ambíguo.

Giddens (1991) esclarece ainda que no Brasil, após a II Guerra Mundial essas mudanças se intensificaram, pois, a industrialização se consolidou e se expandiu no território, principalmente a indústria automobilística, os eletroeletrônicos e os bens de consumo não duráveis. A industrialização acelerou o processo de urbanização e concentrou as pessoas nas cidades, mas, a partir da década de 1960 foram introduzidas novas formas para a reprodução do capital, como a produção em massa e em consequência, o aumento qualitativo e quantitativo do consumo.

Na mesma época, na Europa, ocorriam diversos problemas decorrentes da massificação estudantil que chegou ao Brasil já desmistificado, visto que se tornaria consenso entre os estudiosos que a educação por si só, não garantia a mobilidade social e o sucesso, e que a busca por um lugar nas universidades não refletia a tão esperada democratização.

Assim, de acordo com o mesmo autor, começavam a surgir novas técnicas educacionais, contrapondo-se a postura conservadora vigente até então, iniciando uma mudança significativa na formação e identidade profissional dos trabalhadores em geral, mas principalmente na área da educação, onde o professor deveria ir muito além do desenvolvimento e enriquecimento de competências.

E nesse percurso, já na década de setenta, essas mudanças sociais trouxeram também novas formas do homem, vivenciar a relação social e profissional na relação do tempo e do espaço. A partir dessas novas referências, tanto Cancline, quanto Giddens atestam que a organização dos antigos conceitos culturais perde a sua força para uma visão de natureza mais ampla e flexível deixando de legitimar a ordenação das identidades por meio de propostas que atestavam a presença de grupos culturais intocáveis em uma mesma sociedade.

Harvey (1992) insere ainda, um conjunto de argumentos onde analisou a fragmentação e a dispersão da produção, com impactos no uso da mão-de-obra que se tornou cada dia mais obsoleta, se comparado ao grande aparato tecnológico que surgia, acelerando o temido desemprego. Segundo o autor, em nenhum momento da história humana, isso foi tão evidente. Harvey chamou essa mudança de “compressão espaço-temporal”, composta pela fragmentação e dispersão espacial e temporal que suprimiram as diferenças, e as fronteiras.

Nessa visão, a noção de tempo-espaço se aplicava então, no sentido da organização em sociedade, desdobrando-se em diversos conceitos de acordo com a cultura, a ideologia e a tecnologia dos diferentes grupos humanos, causando novas formas de percepção da realidade. Da mesma forma, Zigmunt Bauman⁶ (2001), também defendia a ideia de que são os pensamentos gerados nesse período que vem caracterizando a contemporaneidade e a sua implicação em valores individuais, processos sociais e espacializações ambientais, ocasionando conflitos sociais e individuais na interpretação dessa realidade, sobretudo em relação à construção da identidade humana, na medida em que são (re) significadas, e por vezes alteradas profundamente em seus significados anteriores.

Contudo, para esse autor foram nos anos 1980 que se consagrou a consolidação dessa nova era, chamada de revolução científico-tecnológica, alicerçada pela nova concepção política e econômica de mundo, a qual teve seu ápice na década de 90 com o neoliberalismo⁷.

⁶Zygmunt Bauman é sociólogo polonês nascido em 1925, e recentemente falecido em 09.01.2017 com noventa e um anos, mantendo-se lúcido e atuante. Publicou mais de quarenta livros, entre os quais a "Modernidade Líquida", no ano 2000, na tão famosa virada do século, sendo finalmente lançado em 2001. www.mundoeducação.bol.br/modernidade_liquida.htm.

⁷ Explicitando o conceito de neoliberalismo, trata-se de um conjunto de ideias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do estado na economia, onde deve haver total liberdade de comércio, para garantir o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país. As duas grandes figuras políticas que

Assim, compreender esse conjunto de mudanças chamado pós-modernidade não é uma tarefa simples, já que não existe consenso entre todos os autores. Harvey (2006, p. 64), esclarece que o mundo mudou radicalmente e numa velocidade assustadora e o resultado tem sido,

[...] uma rejeição a todo projeto da modernidade com seu racionalismo, sua tecnocracia e sua crença em um progresso linear e verdades absolutas. Há uma troca de ênfase no capitalismo da produção de bens para a produção de eventos e espetáculos, pela heterogeneidade e diferença. Novos pensamentos são gestados em meio ao caos efêmero e fragmentário da modernidade e isto caracterizaria a chamada contemporaneidade, como algo que se elabora e se constrói.

Por conseguinte, a sensação de que o mundo que se vivia até então era estável foi abalada pelos processos de mudança que lhe deram novas feições.

Bauman (2001) concorda com esta visão, porém usa outros termos para qualificar esses períodos, que basicamente, possuem as mesmas particularidades desse estágio do capitalismo flexível: o poder extraterritorial, as comunicações eletrônicas, a instantaneidade e a instabilidade. Bauman descreve esse momento como o “derretimento dos sólidos”.

Dessa forma, reafirma as ideias de Harvey, dizendo que a solidez e continuidade da modernidade foram substituídas pela incerteza em relação ao mundo e à forma adequada de se viver nele. Assim, o que é novo não é algo passageiro, que poderia ser suavizado ou transposto, pois o "mundo pós-moderno traduz todas as vivências sob uma condição de incerteza que é permanente e irredutível" (BAUMAN, 1998, p. 32).

Na visão desse sociólogo, em entrevista concedida ao jornalista Marcelo Lins, do canal de televisão GloboNews⁸, em 2016, o século XXI está totalmente diferente do anterior, as vivências de esperanças e expectativas, em retrospectiva, vive-se o que o autor designou de “interregno” – interrupção momentânea entre dois reinados, durante a qual o trono permanece vago. De forma simplificada, não há uma forma de pertencimento nem a uma coisa nem a outra. No estado de interregno, toda a aprendizagem para se lidar com os desafios da realidade não funciona mais. As instituições de ação coletiva, o sistema político e partidário, a organização da própria vida e as interações com as outras pessoas, ou seja, as formas de sobrevivência no mundo não fazem mais sentido. Não se tem uma visão de longo prazo, as ações consistem em reagir às crises mais recentes, mas estas, também estão mudando. Elas também são líquidas, vêm e vão, portanto, vive-se a desordem e o caos..

deram início a essa nova concepção do capitalismo foram o ex-presidente norte americano Ronald Reagan e a ex-primeira ministra inglesa Margareth Thatcher. CHARTIER, Roger. *A História hoje: dúvidas, desafios, propostas*. 1994. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.

⁸ "Estamos num estado de interregno. Vivemos na modernidade líquida". Revista Consultor Jurídico,. <https://www.conjur.com.br/.../zygmunt-bauman/1>. 2016.

Para esse autor, o mundo pós-moderno que chamou de “modernidade líquida”⁹ seria representado por quatro características: A primeira seria a nova desordem no mundo – países e blocos econômicos antes vistos como hegemônicos e dominadores do poder global perdem prestígio e força; o segundo está na desregulamentação global por meio da liberdade cedida ao capital, à custa de todas as outras liberdades – com o desestruturamento de redes de segurança social e a rejeição de qualquer razão não econômica; a terceira, pela diminuição da estrutura social oferecida pela família e comunidade e a quarta, pelos meios de comunicação cultural que dão a entender uma indeterminação e mobilidade do mundo, que alguns autores denominaram de pós-modernas.

Assim, peculiaridades da modernidade, na qual o autor utiliza a metáfora “sólida”¹⁰, marcado pela conservação e sustentabilidade, não seriam fáceis de serem alteradas em sua forma de permanência. Acrescenta ainda que essas características da realidade em mudança, muitos conhecem de perto, mas certamente nem pensariam em descrevê-las até poucas décadas atrás, já que não dispunham dessa visibilidade dada pelo contraponto entre a velha e a nova realidade. Nesta visão, a modernidade líquida seria um período de individualidade, onde as pessoas têm mais liberdade e cada um se responsabiliza pelos seus erros e acertos, com isso, estão cada vez mais ansiosas e temerosas em suas experiências de vida. Segundo Bauman, (2007, p. 07). “‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir”. Nesse aspecto, como já mencionado anteriormente, na modernidade líquida, os conceitos de tempo e espaço também são enfatizados, já que um está interligado ao outro, sendo que espaço é algo que percorre em algum tempo. Tempo é o momento em que uma ação leva para percorrer.

Por esse ângulo, a construção da identidade humana como sentido de pertencimento e de localização no tempo e no espaço deveria ser algo muito compreensível, fixo e objetivo.

⁹O seu livro “Modernidade Líquida” (2001) trata de uma mudança global, mas que não emerge globalmente. “O livro explora as distinções entre líquido/sólido e leve/pesado e as utiliza para comprovar as transformações em cinco esferas da experiência humana: ‘emancipação’, ‘individualidade’, ‘tempo/espaço’, ‘trabalho’ e ‘comunidade’, bem como a noção do consumo como um ritual para exorcizar a incerteza ou a sugestão de que o novo papel da teoria crítica é repopularizar a ágora numa sociedade de indivíduos”. Acerca da questão da modernidade líquida Bauman acrescenta: “Os Fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respigam’, ‘transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’, são ‘filtrados’, ‘destilados’ (2001, p. 8) - BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

¹⁰Zigmunt Bauman (1997) utiliza-se do termo “sólida” ao se referir à modernidade que seria definida por: “Ordem, progresso, verdade, razão, objetividade, emancipação universal, sistemas únicos de leitura da realidade, as grandes narrativas, teorias universalistas, fundamentos definitivos de explicação, fronteiras, barreiras, longo prazo, hierarquia, instituições sólidas, poder central, claras distinções entre público e privado etc., (BAUMAN, 1997, p.38-40).

Entretanto, Bauman esclarece que no contexto atual, a busca por uma identidade estável dentro de uma comunidade segura tornou-se praticamente impossível, dada a velocidade das transformações, dos deslocamentos e principalmente da fragilidade dos laços humanos, envoltos em relações sociais descartáveis e em estilos de vida onde se vende e se consomem vorazmente. Nas palavras do autor: “Você tem que criar a sua própria identidade. Você não a herda” (BAUMAN, 1998, p. 39).

Assim, ao se buscar o sentido de pertencimento a um grupo, pode-se acentuar a demarcação de diferenças que podem se transformar em desigualdades, acarretando conflitos ou intolerâncias nacionalistas, políticas, étnicas, culturais e religiosas. Esses fenômenos seriam explicados porque a partir do surgimento da tecnologia “o tempo é visto como algo precioso por produzir muito em pouco tempo, ou seja, correr contra o tempo para lucrar mais”. (BAUMAN, 2001, p. 69). As pessoas vivem em um mundo de constantes transformações e a globalização influencia sobre maneira as decisões e isso pode causar o sentimento constante de desorientação. Nessa lógica, as identidades passam a ocupar um lugar de destaque, especialmente pelo seu caráter emblemático na medida em que sofrem significativas mudanças em sua significação.

Dessa forma torna-se fundamental explorar algumas questões sobre o conceito de identidade e sua dimensão espacial, a partir da crise resultante da “compressão do espaço-tempo” e, sobretudo, da sua relação com o conceito de cultura e de lugar como fonte de identidade, visto seu papel particularmente importante no mundo de hoje no que se refere à formação humana dentro dos processos educacionais.

3 A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NA PÓS-MODERNIDADE

Como visto até aqui, o novo século trouxe novos eventos que passaram a definir a lógica da produção, do consumo, da comunicação e dos valores entre diferentes grupos de pessoas em todo o mundo. O que Bauman chama de “modernidade líquida” ditou o fim de uma vida estruturada e estável que se realizaria infalivelmente. Na ética pós-moderna há o aqui e o agora, envolvidos numa diversidade de contextos, e escolher um deles é um exercício que requer tempo, e tempo é algo que rapidamente se torna escasso na vida líquida, deixando o indivíduo entregue aos seus próprios recursos individuais e as condições que possa vir a criar.

Nessa nova realidade, as identidades sofreram profundas mudanças em seus conteúdos chegando a alterar profundamente seus significados anteriores. Para compreender as composições e diferenças entre a identidade na modernidade e na pós-modernidade faz-se

necessário clarificar com a análise dos autores que mostram suas percepções sobre o tema em relação aos fatores pertinentes a história e a sua relação com o tempo e o espaço.

O conceito de identidade hoje vem sendo utilizado de forma generalizada por parte das Ciências sociais, conferindo certa complexidade à sua definição. Analisando etimologicamente, o termo se refere à essência do ser ou aquilo que permanece. Para Durkheim (2007) as tradições são marcas do conceito de identidade, a natureza da ação, padronizado e organizado por regras e significações ou por costumes – formas de pensar, de sentir e de agir, que estão fora das consciências individuais. Para o autor, o indivíduo não existe isolado do seu contexto social, assim como não há sociedade em seu todo sem o homem e as particularidades de sua história.

Entretanto, Giddens esclarece que na atualidade vem se exaltando os valores da individualidade, fruto de uma pós-modernidade que simultaneamente vem retirando essa segurança das identidades grupais permanentes – da família, dos grupos profissionais ou das comunidades locais – e remodelando-se e adaptando-se aos contornos das socializações finitas dentro de um processo que define a personalidade em sucessivos novos contextos.

Nesse caso, a análise dos conceitos de identidade desenvolvidos por Claude Dubar, sociólogo francês que estuda a identidade no trabalho, assim como de Zygmunt Bauman, que se preocupa com o tema focalizando-o na modernidade líquida, e do inglês Stuart Hall que estuda as identidades culturais da perspectiva da pós-modernidade, torna-se essencial.

Bauman (2005) defendeu seu ponto de vista esclarecendo que a transição do sólido para o líquido influenciou a sociedade, desencadeando uma crise geral de identidade, que até então fora construída a partir das vivências e conflitos que determinaram a maneira do homem ser e estar. O que ele chama de crise, seria a fragmentação de tudo que era visto como fixo e imutável. Na sua concepção, a identidade é algo que a própria pessoa determina. Pode sofrer influência da comunidade, e é construída com o passar dos anos, mas com os novos tempos, tornou-se cada vez mais individualizada e menos coletiva, o que faz a sua permanência muito improvável. Nessa mesma linha de pensamento Stuart Hall (2006) acrescenta o que ele denominou de “identidades culturais” como aspectos das culturas linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais, resultado de uma forma de pertencimento – estável no período sólido, já que não existiam tantas transformações – algo impossível na pós-modernidade, considerando-se que estão “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais”. (2006, p. 9). Da mesma forma, para Bauman (2005: 37), “na modernidade líquida, há uma infinidade de identidades à escolha, e outras ainda para

serem inventadas”. Com isso, só se pode falar em construção identitária enquanto “experimentação infundável”. Nessa nova realidade, a crise do “eu” se dá pela fragilidade das relações e pela rapidez dos acontecimentos, visto que se tem mais liberdade de opções e menos tempo para amadurecê-las. Nesse caso, tomar as próprias decisões pode acarretar um alto nível de insegurança.

Dada à situação, há um consenso entre os autores no sentido de que essa multiplicidade de identidades acontece pelo contato entre as diversas culturas e que essa realidade faz com que a pessoa se sinta livre. Contudo, essa liberdade é limitada porque se acredita que há somente o direito de decidir sobre isso ou aquilo, porém, ser livre vai além dessa premissa, o indivíduo deve decidir sobre si e construir-se continuamente. Hall destaca ainda, que esse reinventar-se está relacionado com vários fatores, um dos mais fortes seria a globalização que impacta sobremaneira as identidades culturais, ou seja, o indivíduo deveria analisar qual identidade se encaixaria com sua necessidade e poderia inclusive, se reconhecer em mais de uma. A respeito disso Castells complementa que:

O processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (CASTELLS, 2008, p. 22).

Nesse caso, Hall (2006) reafirma o pensamento de Castells e descreve vários tipos de identidades, nomeando essas concepções de: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. De forma abreviada, o autor defende que o sujeito do iluminismo nascia com uma identidade e permanecia com a mesma até o fim da sua vida, ou seja, uma identidade individualista. Já o sujeito sociológico construiria a sua identidade com a influência da sociedade e dessa forma criaria diversas identidades. Entretanto, para adquirir essa identidade seria necessário ele se identificar com ela. Nesse caso, o sujeito pós-moderno não teria uma identidade permanente e essa situação poderia trazer pontos positivos, já que a pessoa poderia se desenvolver em múltiplos fatores. Entretanto, Dubar (1998, p.13) esclarece que para se chegar às formas identitárias seria necessária uma aproximação por meio das representações ativas, isto é, “dos indicadores que estruturam o discurso dos indivíduos sobre suas práticas sociais especializadas, sobre a aquisição de um saber legítimo que possibilita a afirmação de uma identidade reconhecida”. Dessa forma, as representações ativas poderiam ser assimiladas através das seguintes dimensões:

- da relação do indivíduo com aquilo que está diretamente implicado em sua vida cotidiana, por exemplo: os sistemas e instituições, com aquilo que aciona no

indivíduo sua identidade virtual reivindicada e sua identidade realmente reconhecida;

- da relação com o futuro, o que resulta nas orientações estratégicas tanto para a ação como para as oportunidades e na interiorização da trajetória vivida;
- da relação com a linguagem, ou seja, com as categorias utilizadas para descrever tanto uma situação vivida, como obrigações e projetos pessoais (Ibid, 1998, p. 30)

A partir de tais significados, a identidade social, segundo o autor representa em primeiro lugar a articulação do processo biográfico que se constrói no tempo pelo sujeito, em identidades sociais e profissionais determinadas pelas categorias oferecidas pelas instituições: família, escola, mercado de trabalho e empresa entre outros, e esse processo pode ser compreendido pela forma como o indivíduo relata sua trajetória de vida, como ele se relaciona com seu presente, passado e futuro, ou ainda, como ele se move no caminho da identidade herdada. É a auto identificação.

Em seguida, acontece o processo relacional que se refere à constatação das identidades concernentes aos “saberes, competências e imagens de si, propostos e expressos pelos indivíduos nos sistemas de ação” (DUBAR, 2005, p. 156). Assim, o processo relacional seria o caminho da atribuição de uma identidade à sua incorporação, ou seja, o reconhecimento do modo como o sujeito é identificado. Portanto,

[...] tanto a identidade atribuída quanto a adquirida pelo sentimento de pertencimento, são assimiladas no processo de interação. Nesse caso, embora o autor especifique que: a identidade é fruto dos processos de articulação entre processo biográfico (identidade para si) e relacional (identidade para o outro), ele não exclui o recurso aos sistemas de tipificação, uma vez que a teoria dos papéis é plenamente compatível com a hipótese de dispersão das identidades subjetivas (para si) de acordo com as cenas sociais em que o indivíduo introduz-se sucessivamente (Ibid, 2005, p. 159).

Nesse aspecto é importante salientar que essas categorias que identificam os outros e se auto identificam podem variar de acordo com os espaços sociais onde acontecem as interações e de acordo com as temporalidades biográficas e históricas em que as trajetórias são desenroladas.

Como essas três concepções de identidade mencionadas acima se encontram inevitavelmente vinculadas às classes sociais e em suas relações sociais, a educação representada pela escola deve empreender em seu cotidiano, uma reflexão acerca das múltiplas cidadanias e identidades, necessárias na construção de uma sociedade democrática. A diversidade de culturas, constitutiva do cotidiano educacional, legitima a diversidade cultural como fator principal na construção das identidades, que foram definidas e negociadas no campo dos conflitos e das múltiplas possibilidades de caracterização.

Nesse contexto, todo o processo que envolve o desenvolvimento educativo e pedagógico, principalmente a figura do professor, vem enfrentando essa crise de identidade, vinculada às incertezas e as mudanças que ocorrem constantemente, nas quais buscam construir um encadeamento de sentidos de si mesmos e do outro, de forma simultânea. A identidade do professor não se constrói somente dentro da sala de aula, ele tem uma história de vida, experiências sociais, religiosas e culturais e tudo isso influencia em sua formação identitária. Sobre isso, Nóvoa¹¹ (1995, p.25), acrescenta que,

[...] a formação do professor não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar estatuto ao saber da experiência.

Para o autor é muito importante, que o professor associe suas teorias à prática, já que no momento em que o docente terminar a sua graduação ele ganhará experiência e construirá o conhecimento através das suas vivências.

Assim como Nóvoa, Dubar também acredita que a construção da identidade profissional se faz a partir da articulação interna ao indivíduo – para si, subjetiva ou biográfica – com as circunstâncias externas entre o indivíduo e as instituições – para o outro, objetiva ou relacional. Nesse processo, a identidade profissional corresponderia primeiramente a um tempo de socialização no trabalho, transformando-se numa perspectiva nova sobre o mundo que o cerca.

Nesse aspecto, as instituições educacionais tiveram relevante significado na construção da identidade profissional do professor, pois representaram o espaço de produção de experiências, de comunicação e de saberes, intermediando as inter-relações simbólicas. Cada uma possui uma estrutura, com modos e meios de funcionamento próprios, instituídos por paradigmas pré-estabelecidos em afetos e práticas, de forma que sejam acessíveis a todos os atores sociais.

Esse processo propiciou o desenvolvimento dessa identidade docente, pois, envolveu aptidões, atitudes, valores e formas de trabalho, bem como o delineamento da cultura do grupo profissional de pertencimento e ao contexto sociopolítico, representado pelo desenvolvimento pessoal, que está ligado aos processos de construção de vida do professor. A

¹¹ O português António Nóvoa é historiador da Educação. Um dos intelectuais de maior circulação internacional no debate pedagógico atual. Como o suíço Philippe Perrenoud e o espanhol César Coll, ele pertence a uma geração que concentra atenções em aspectos intra-escolares, como currículos e competências, formação inicial e continuada e processos de aprendizagem, no qual a capacitação de professores é o tema privilegiado por ele na atualidade. <https://novaescola.org.br/conteudo/1666/antonio-novoa-o-garimpador-de-historias-de-vida>. 2008.

dimensão profissional e institucional envolveu os aspectos da profissionalização docente e às estratégias utilizadas pela instituição para alcançar seus objetivos educacionais.

O sociólogo Claude Dubar acrescenta ainda que principalmente a partir das duas últimas décadas do século XX, a noção de crise adquiriu um sentido múltiplo, como: “Fase difícil atravessada por um grupo ou indivíduo [...] ruptura de equilíbrio entre diversos componentes.” (DUBAR, 2009. p. 20). Dessa forma, a identidade seria formada por diversas pertencas, fundamentalmente, a profissional, que segundo o autor, possui:

As formas identitárias no sentido definido [...] (configurações Eu-Nós) e tais como podem ser referidas no campo das atividades de trabalho remuneradas [...] identidades de atores num sistema de ação [...] tipos de trajetória no decorrer da vida de trabalho [...] As identidades profissionais são maneiras socialmente reconhecidas, de os indivíduos se identificarem uns aos outros no campo do trabalho e do emprego. (DUBAR, 2009. p. 117-118).

Nessa visão, fica claro que as circunstâncias do trabalho acontecem no âmbito da organização social, econômica, política, cultural e desta forma torna-se relevante analisar a profissão professor como categoria sócio profissional e seus períodos de crise dentro das transformações de “projeto social, as instituições e seus agentes” (ibidem p. 117).

Entende-se, assim, que há uma situação da “profissionalidade”, como “capacidades, racionalização de saberes estruturados e mobilizados no exercício profissional, fundamentais para a construção da identidade do profissional docente” (ibidem, 127). Ou seja, uma co-construção estruturada num referencial de competências entre o produto do trabalho dos formadores e seus formados. Na correlação, a concepção de “profissionalização” se refere ao “processo no qual se insere a profissionalidade – essa busca incessante por uma identidade ou um perfil profissional” (ibidem, p. 126). Muito além da formação inicial, são as habilidades, atitudes e saberes (competências) que os formandos vão adquirindo e ressignificando suas vidas no decorrer da profissão levando à profissionalização. Assim, segundo esse autor, a diferença entre os conceitos tornou-se muito sutil, visto que embora as coisas do mundo natural/social sempre tenham existido, elas não possuem conceitos intrínsecos.

Como visto até aqui, muitos entendem o processo educacional como família e escola e não percebem a diversidade de culturas presentes nesse decurso, principalmente por estarem invariavelmente interligados com a tecnologia e conseqüentemente, com várias pessoas ao mesmo tempo. Dessa maneira para Hall (2005) existem identidades que se impulsionam para várias direções, mudando constantemente, tornando-se comuns, fragmentadas e oscilantes. Por isso, a pós-modernidade exige um aperfeiçoamento contínuo do professor. Ele deve ser um pesquisador constante, pois é fundamental que se atualize, busque uma formação

continuada, uma grande e variada bagagem de conhecimentos, para que possa valorizar as suas experiências e refletir sobre suas práticas, construindo a sua identidade, tarefa nada fácil nos dias atuais.

Nas reflexões de Nóvoa, o professor trabalha para formar pessoas e essas pessoas devem preparar-se para transformar a realidade. Durante muito tempo a formação inicial foi suficiente para tornar-se um profissional, entretanto nesse transcurso, principalmente a formação docente precisa ser ressignificada. Assim, repensar a educação e suas instituições frente a uma realidade emancipatória significa problematizar e dar sentido às demandas globalizantes que, como num manual tem ditado o perfil do professor formador e do estudante a ser formado, portanto, não pode incidir em reproduções reducionistas e continuístas, deve pautar-se por intencionalidades referentes aos saberes e fazeres do desenvolvimento educacional significativo.

Para o autor acima citado, o educador da pós-modernidade deve ser concebido dentro dos parâmetros da ação-reflexão-ação, em uma releitura permanente de sua prática, que leve em consideração todas as ressalvas sociais e históricas. Essas tarefas tornaram-se muito complexas e precisam ser analisadas profundamente já que ambos os processos se estruturam na construção de imagens, esquemas e metáforas desde o início da sua preparação profissional, na capacidade de entender sua formação, seu trabalho e sua práxis. Assim, tem-se uma noção da dificuldade que este docente enfrenta na construção dessa identidade tanto pessoal como profissional, já que a sociedade atual exige que no exercício do seu trabalho, o professor seja um profissional com visão científica, sistêmica e pedagógica delineada pela relação cultural e social, dentre outras, fornecendo assim, as bases para construção do conhecimento pedagógico especializado.

A pretensão desse estudo ajusta-se como um despertar dos formadores para a valorização do processo educacional, desfazendo as ideias engessadas a respeito do próprio conhecimento, da socialização da profissão docente, seus objetivos, o perfil dos estudantes e o papel dos formadores nessa construção, embasada nos vários saberes, necessários para lidar com a sociedade vigente.

Sendo assim, o professor tornou-se o principal responsável pela construção da identidade desse discente, a partir de um processo de ensino e aprendizagem, que nas palavras de Nóvoa (1995, p.29) “faz o educando se deparar com inúmeras informações, uma diversidade de textos e percepções, novos desafios e conflitos vivenciados no convívio social do ambiente escolar”. Nesse sentido, o papel do educador tornou-se fundamental, enquanto

formador de opiniões positivas e significativas para a construção da identidade do aluno ao transitar pelo universo educacional.

Feito isso, o responsável pela formação inicial deve preparar e preparar-se para uma profissão que dê conta das mudanças dessa “sociedade líquida” onde segundo Bauman, se exige a atualização contínua, onde estudar durante toda a vida profissional é imperativo. Da mesma forma, Nóvoa (2001) acrescenta que ser professor não é apenas dar aulas e reproduzir conhecimentos, para isso os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias, possuem meios bem mais interessantes disponíveis. Para além da apropriação didática, pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem e que cuide do equilíbrio psicológico e afetivo dos alunos, da integração e da educação social, aprimorando seus conhecimentos de forma crítica, reflexiva e atualizada, levando-os a tomar as suas próprias decisões de forma ativa e autônoma e assim transformar ou mudar a realidade do mundo e a sua própria história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a finalidade desta pesquisa, que se delineou nas análises acerca dos efeitos da pós-modernidade na construção da identidade do professor inserido na sociedade atual, foi possível salientar alguns aspectos do contexto sócio- cultural que refletem a sua formação. Os processos formativos se fazem a partir das fases da vida, dentro da profissão, na dimensão pessoal e profissional. Dessa forma, são próprios desses processos e das trajetórias dessa formação, compreendendo o movimento construtivo dos discentes na unicidade da formação da sua identidade.

Como constatação desse estudo, ao final do século XX, principalmente a partir do término dos anos 70 como a década dos protestos, a sociedade demonstrava uma aparente estabilidade, talvez em cima de referências um pouco modificadas sem as mesmas contestações políticas, mas que por sua vez, passou a ser significante de formas de opressão ou alienação social. Assim, o conceito de modernidade passou a ter lugar central e, com esta, o de pós-modernidade, com toda a imprecisão de poder ser compreendida como sucessora ou como adversária daquela. Em teóricos sociais tão diferentes quanto Jürgen Habermas e, Jean-François Lyotard, tem início, um discurso saudosista para outra época na qual as tensões e conflitos sociais eram mais fáceis de identificar e talvez de contradizer as coletividades mais coesas, de pessoas com interesses comuns pertencentes a esse novo tempo.

Se a modernidade dava a conotação do verdadeiro, a pós-modernidade ou a contemporaneidade busca o que funciona. Outro fato considerado por essa pesquisa, é que se o modelo tradicional se pautava pelo equilíbrio e harmonia, o modelo pós-moderno traz

discrepâncias, e contrastes, às vezes pelo excesso, ora pelo vazio. De acordo com Bauman, a sociedade líquida atual vive uma experiência paradoxal entre a ordem e a desordem, onde as coisas caminham cada vez mais velozmente, ultrapassando os limites da tradição.

Dessa forma, a aprendizagem e o desenvolvimento da construção da identidade do sujeito, de forma pessoal ou profissional parecem incompatíveis com as discontinuidades vivenciadas nesse tempo. Para que o indivíduo possa se construir identitariamente é preciso se identificar com alguma das inúmeras ideologias que se apresentam e prosseguir coerentemente com ela, fazendo escolhas e sofrendo rupturas. Contudo, é muito improvável que se consiga ser coeso com todas elas ao mesmo tempo.

Nessa nova etapa identificada pela globalização, o conhecimento não se apresenta mais como uma verdade absoluta; ao inverso, tornou-se constantemente reorganizado em novos paradigmas. Com isso, o indivíduo constrói modelos inacabados de comportamento, que pela rapidez das mudanças precisam ser infindavelmente revisados, numa permanente inconclusão. Nesse contexto, a identidade torna-se superficial, múltipla e fragmentada. Portanto, o mais provável é que a busca da definição do sujeito como indivíduo sócio histórico-cultural, foi substituída por uma ansiedade intensa de viver o presente, já que o passado não serve mais como suporte e o futuro é incerto.

Assim as pessoas necessitam se adaptar e participar de uma realidade em constante processo de organização, onde a identidade pessoal é relativa ao mundo exterior e não existe em uma única direção a caminhar. Assim, na pós-modernidade, se perder e se encontrar, errar e acertar faz parte da construção do ser humano. O estar no mundo encontra-se nos princípios que o homem se pauta para viver e o caminho a percorrer deve ser pela ética que se permite ter.

Ao refletir sobre as novas características de identidade na pós-modernidade compreende-se que o professor não a constitui somente em sala de aula, mas para que haja essa construção é necessário envolver todos os aspectos pessoais e experienciais das suas vivências. Existem vários pontos essenciais para construir a identidade profissional nos dias atuais, uma delas é a formação inicial e posteriormente a formação continuada. Dessa forma o professor pode desenvolver a ética, a competência, o comprometimento e o profissionalismo que devem ser construídos desde o início da graduação até o fim da sua vida profissional.

Com isso, o papel da docência não se resume em transmitir conteúdos ou ter a experiência do dia a dia para ser um bom profissional, é necessário que ele vá em busca de novos objetivos e tenha a ciência de que se vive no mundo “do novo”, e nessa nova perspectiva, o professor não pode somente ensinar pensamentos aos seus alunos e sim, ensinar

a pensar e pensar sobre como se pensa, elemento fundamental para pautar o trabalho na construção das novas identidades dentro do âmbito educacional.

Assim, a influência da organização institucional sobre o comportamento das pessoas torna-se evidente na comparação entre escolas, onde foram implantadas inovações que provocaram maior democratização das interações humanas, com situações anteriores, em que as relações eram de autoridade e submissão e da escola democrática, comprometida com os interesses de todos os atores sociais nela envolvidos, propiciando o desenvolvimento e apropriação de valores de cidadania e de comportamentos compatíveis com a colaboração recíproca entre professores e alunos.

A partir desse estudo, como bem explicita Bauman (2001) e Dubar (2009), para se concretizar o compromisso educacional na construção de identidades adaptadas com essa nova visão da realidade em que se vive, é necessário que ao mesmo tempo em que se abordam os conteúdos de uma concepção mais complexa de mundo, proporcione-se condições para vivê-la e apreendê-la da forma mais consistente possível, em uma prática que mude e melhore essa vivência pelo sentimento de pertencimento, assimilados num processo de interação.

Espera-se assim, que diante dessas constatações suscitem-se novos debates entre especialistas da educação no que diz respeito à produção do saber para “ser”, desenvolvendo habilidades como a autonomia, competências e responsabilidade, que se afirma necessário para proteger a sociedade, evitando as confusões e condutas anormais aos padrões educacionais em sua essência. As instituições educacionais, na figura do professor, devem ser o lugar onde os indivíduos receberão ensinamentos para a sua formação integral. Esse aprendizado deve acontecer dentro de uma práxis cidadã, de forma que capacite o discente a elaborar, sozinho e de modo crítico um agir adaptado à sociedade como um pensador livre e crítico sobre a realidade no qual está inserido.

Por fim, deixa-se a perspectiva de que todas as instâncias formadoras avaliem a realidade em que vivem e discutam sobre o caráter heterogêneo dos saberes docentes, de maneira plural, revisando ininterruptamente o repertório de conhecimentos, que visem à construção da identidade profissional tanto docente quanto discente, subsidiada pela ética na estruturação de uma pedagogia autônoma e comprometida com a democratização do ensino.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Ética pós-moderna**. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. **Modernidade líquida.** Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **Vidas desperdiçadas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CANCLINI, N. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Trad. Ana Regina Lessa; Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASTELLS, M. **O poder da identidade.** 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

DUBAR, C. **A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **A crise das Identidades: A interpretação de uma Mutação.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **Socialização e construção de identidades.** Tradução-livre Adir Luiz Ferreira. L'identité, l'individu, le groupe, la société. Jean-Claude Ruano-Borbalan. Auxerre: Ed. Sciences Humaines, 1998.

DURKHEIM, E. **As Regras do Método Sociológico.** 3. ed. Traduzido por Paulo Neves. São Paulo: Martin Fontes, 2007.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** São Paulo, Ed. da UNESP, 1991.

_____. **A constituição da sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

HABERMAS, J. **O Discurso Filosófico da Modernidade.** Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HALL S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

_____. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARVEY, D. **A produção capitalista de espaço.** 2. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

_____. **Condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Loyola, 1992.

JAPIASSU & MARCONDES. **Dicionário básico da filosofia.** Ed. Jorge Zahar, 1999.

JUNGES, J. R. **Evento Cristo e ação humana: temas fundamentais de ética teológica.** São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2001.

LYOTARD, J. F.. **A condição pós-moderna.** São Paulo: José Olympio, 2002.

NICOLACI, C. **A passagem da modernidade para a pós-modernidade - PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO,** 2004.

NÓVOA, A. **Os professores e a sua formação.** 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

REVISTA Consultor Jurídico. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/.../zygmunt-bauman/1>. Acesso em out de 2017.

SUNKEL, O. Capitalismo transnacional y desintegración nacional en la América Latina, 1972. **Revista de Ciencias Sociales**, ISSN-e 2223 1757, ISSN 0252-1865, n. 1, 1973. 25/09/2017

WILLIAMS, R. **Política do Modernismo**. São Paulo: UNESP, 2011.